



Os viajantes a partir de Porto Alegre: os relatos de viagens e o jogo de alteridade (um exercício metodológico)

Denize Terezinha Leal Freitas*
Jonathan Fachini da Silva**

Resumo: Os relatos deixados por viajantes que estiveram por terras sulinas durante os séculos XVIII e XIX nos parecem num primeiro momento uma fonte única em detalhes. Não por menos o historiador é tentado a ver seu objeto de análise a partir dos olhos desses aventureiros do passado, uma das armadilhas possíveis dessa fonte. Nesse caso procuramos cruzar as leituras de Peter Burke (2000) e François Hartog (2004), entre outros, no sentido de propor um exercício metodológico, que delimita a fronteira cultural existente nesse jogo de alteridades, entre o viajante e o seu destino. Lugar de saída (identidade) que é deixado para trás e o lugar de chegada, *o outro* que é visto e relatado. Por este caminho, as impressões de viagens ganham novas dimensões nas mãos do historiador. Para esse fim utilizaremos dois viajantes do velho mundo que, por diferentes motivos, estiveram em Porto Alegre em meados dos oitocentos: são eles, Arsène Isabelle (1807-1888) e August Saint-Hilaire (1779-1853). Desse exercício podemos concluir que o significante para cada um desses sujeitos depende das suas trajetórias específicas, ou seja, são leituras, portanto, passíveis de novas interpretações que devem ser (re)significadas. Desse modo, muitas vezes, é Porto Alegre que nos apresenta esses viajantes e não o contrário.

Palavras-chave: viajantes; relatos de viagens; Porto Alegre; alteridade.

Abstract: The accounts left by travelers who have been land southern fringes during the eighteenth and nineteenth centuries seem at first a single source in detail. Not least the historian is tempted to see your object of analysis from the eyes of these adventurers of the past, one of the possible pitfalls that source. In this case try to cross the readings of Peter Burke (2000) and François Hartog (2004), among others, in order to propose a methodological exercise, which marks the border that match existing cultural otherness, between the traveler and his destiny. The place of departure (identity) that is left behind and

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: denizehistoria@gmail.com.

** Mestrando em História pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: j_fachini@hotmail.com.



the place of arrival, the other being seen and reported. By this way, the impressions of travel gain new dimensions in the hands of the historian. For this purpose we use two travelers of the old world which, for various reasons, were in Porto Alegre in the early eighteen hundreds: they are, Arsène Isabelle (1807-1888) and August Saint-Hilaire (1779-1853). From this exercise we conclude that significant for each subject depends on your specific trajectories, ie readings are therefore subject to new interpretations that should be (re) signified. Thus, it is often Porto Alegre which presents these travelers and not otherwise.

Keywords: travelers; travel reports; Porto Alegre; otherness.

Introdução

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente.
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Fernando Pessoa, 20/9/1933

O ato de viajar sempre mobilizou a humanidade. Sejam poetas, arquitetos, biólogos, camponeses; seja as motivações de ordem familiar, necessidades econômicas ou uma aventura em nome do lazer, a viagem, deixa marcas em quem a pratica e, sobretudo, nos ambientes na qual ocorre. Portanto, a análise dos relatos de viajantes deve necessitar uma série de cuidados de cunho teórico metodológicos por parte dos pesquisadores.

Muitos pesquisadores já levantaram questões e problematizaram os relatos de viagem ao se valerem em suas análises. Num primeiro momento nos atemos a essas considerações iniciais, como uma porta de entrada para se encarar a literatura de viagem. Destarte, pretende-se realçar alguns pontos e contrapontos a respeito desses relatos do passado como uma possível fonte para o historiador. Após essas primeiras considerações, a ideia é entrelaçar dois autores: Peter Burke (2000) e François Hartog (2004). Suas ressalvas sobre o tema podem trazer subsídios para encarar o desafio de trabalhar os mesmos como fontes históricas em potencial, suas peculiaridades e quais as ferramentas necessárias para se utilizar de tal literatura, evitando possíveis armadilhas.

Muitos foram os trabalhos que se valeram das análises dos relatos de viajantes como fontes privilegiadas para compreender os espaços urbanos nos primórdios de suas formações. Entretanto, objetivamos compreender essas descrições sobre um novo prisma, isto é, em que medida estes interlocutores mascaram suas narrativas sobre os lugares de viagens para



retrataram a si mesmos. No jogo da alteridade, acabam falando de si através do outro, neste caso, Porto Alegre do século XIX é um espelho.

Nossos mediadores neste percurso são os viajantes Arsène Isabelle (1807-1888) e August Saint-Hilaire (1779-1853) que estiveram na localidade em meados dos oitocentos. A análise centrar-se-á nas leituras de mundo realizadas por estes europeus e de como as mesmas estão imbricadas de significados e peculiaridades que nos retratam muito mais os narradores do que o objeto de suas narrativas. Tendo como ponto de partida a percepção de representação apresentada por Pesavento (1995, p.280) que se: “afirma uma presença daquilo que se expõe no lugar do outro”, e que indubitavelmente está presente nos escritos destes viajantes.

De modo geral, nesta apreciação objetivamos analisar a importância e o significado da viagem e do viajante, bem como, realizar apontamentos que busquem alertar o pesquisador quanto as artimanhas e labirintos presentes nas leituras feitas a respeito destes relatos. Sendo assim, procuramos abordar as necessárias resignificações que se deve ter ao manusear estas fontes históricas, como forma de um possível exercício metodológico.

Considerações ao pesquisador sobre a literatura de viagem

Tendo em vista que tanto a viagem quanto o viajante são fontes importantes que devem ser questionadas pelo pesquisador, partimos para algumas considerações sobre como realizar a análise desses documentos. No que tange o tratamento desses relatos enquanto fontes, acreditamos conforme França (2012, p.13) que esses “documentos mostram como determinados grupos humanos construíram a realidade para si próprios, como definiram socialmente o que era e o que não era verdadeiro dizer sobre as coisas, lugares, povos, etc.”. Portanto, o viajante sempre realiza uma construção da sua experiência. Dela na maioria das vezes permite-se conhecer a si mais do que ao local viajado.

Neste processo de interpretação abrem-se um leque de possibilidade de investigação a respeito das inúmeras condições de leituras presentes nesses relatos. Sejam essas leituras horizontais (marca presente de pessoas e lugares) ou verticais (marca presente da conjuntura do ambiente); pessoais ou coletivas; sentimentais ou científicas elas sempre deixam rastros indeléveis de quem as escreveu. No caso brasileiro fica bastante evidente quanto Souza (1996, p. 196) nos alerta para o fato de que “o relato de viagem era um gênero literário bastante apreciado, e, de certo modo, permanecia na matriz geradora da imagem do continente para os povos do Velho Mundo”.



Sendo assim, o pesquisador deve levar em conta a linha tênue que separa o real do imaginário. Mesmo que nem todos os viajantes tenham feito uso de manuais de viagem, muitos acabaram reproduzindo e/ou reforçando visões estereotipadas sobre as pessoas e os ambientes frequentados. Não obstante, ConsolFreixa (1993) conclui, que houve uma certa homogeneidade na diversidade dos relatos ingleses que viajaram pela Espanha, pois o contexto histórico econômico da Inglaterra comparado ao espanhol articulou visões que em medidas diferentes apresentaram a superioridade do primeiro em relação ao segundo.

Ainda vale ressaltar que esses relatos baseiam-se nos modelos de vida e nos modos de viver de cada interlocutor, por isso, servem para acrescentar visões sobre a localidade, ao longo do tempo. A respeito do relato dos viajantes, Fleck (2006, p. 273) chama a atenção para o fato que:

A literatura de viagem constitui-se numa das principais fontes para a historiografia, sendo também amplamente utilizada em trabalhos de literatura, sociologia e antropologia. Deve-se, sempre, considerar que as descrições e informações constantes nesses relatos constituem, na verdade, representações, invenções da realidade, produzidas com base nas visões de mundo dos viajantes que incidem sobre a feitura e sobre a transformação historiográfica de uma memória.

Além dos contextos históricos, sociais, econômicos e culturais dos locais viajados, o pesquisador deve perceber quais as influências por trás dos discursos, isto é, possíveis patrocínios políticos, linhas teóricas (iluministas) e ideológicas e os grupos sociais ao qual pertence o viajante. Os interesses mobilizadores da viagem e a formação do viajante também devem ser, sumariamente, consideradas na análise. O impacto de interação cultural dos viajantes, também, deve fazer parte da análise visto que muitas incursões vinda da Europa, no caso do Brasil Colônia:

[...] foram a mola propulsora de um movimento científico e artístico, que trazendo para dentro da órbita da nossa pátria viajantes, cientistas e estrangeiros sem número, sem precedentes e organizados em missões com objetivos definidos, lançou as bases do desenvolvimento de vários setores das atividades científica no Brasil. (BARRETO, 1997, p. 131)

Para Barreto (*Ibidem*) os olhares desses viajantes europeus já vêm repletos de uma carga pejorativa em relação ao local visitado. Não obstante, as narrativas apresentam-se carregadas de uma superioridade do viajante em relação ao local viajado. A relação de alteridade, sobretudo, nos casos entre o Velho e o Novo Mundo, são marcadas por visões



distorcidas e valorosamente eurocêntricas. No caso do Rio de Janeiro, Souza (1996, p. 192) ressalta que:

O olhar que o estrangeiro dirigia para a cidade, e que foi registrado através de suas descrições, algumas vezes era previamente informado por uma visão oficial, voltada para uma representação e divulgação externa do país ou de sua capital. Neste caso, reproduzia-se ‘uma identidade construída de fora para dentro’, voltada para a exteriorização de pretensas qualidades. A cidade era quase sempre reduzida a uma imagem que descartava o caráter mestiço e tropical de sua cultura. Exaltava-se, além do exotismo das paisagens, sua vocação para o progresso e para um futuro redentor.

Ainda, deve-se ressaltar que “mais que o sonho da passagem”, conforme destaca o poeta, o pesquisador deve descobrir o viajante na viagem. A trajetória e o percurso de narrar à viagem, passa indescritivelmente, pelo narrar-se a si próprio. Portanto, devemos perguntarmos qual o tempo da escrita em relação ao percurso. Será que este viajante vale-se de suas memórias ou descreveu no calor dos acontecimentos?

O tempo da narrativa determinará a extensão da fronteira existente entre o vivido e o imaginado. As relações estabelecidas com a experiência vão sendo transformadas pelos indivíduos, parafraseando Proust: “os dias podem ser iguais para um relógio, mas não para um homem”. As lacunas sempre serão reveladoras das marcas individuais de cada viajante, sejam elas preenchidas com clichês sinalizadoras de sua época, ou representações de si.

Escritos sobre o outro: o jogo de alteridade

O ato de viajar, conhecer o conhecido, ou o desconhecido, relatar tal experiência, não é nada novo em nossa cultura ocidental. Epopeias heroicas como a odisséia de Homero ou as fantásticas viagens de Marco Polo estão muito bem representadas em nosso imaginário pela literatura, cinema e etc. Entretanto, a proposta dessa reflexão tem se debruçado sobre uma literatura de viagem muito específica, a qual Peter Burke chama de *travelogues*¹. A denominação extraída de Burke encontra-se num texto chamado “*O discreto charme de Milão: viajantes ingleses no século XIX*”, que juntamente com outros textos, compõe a obra editada pela Civilização Brasileira batizada de *Variedades de História Cultural*.

Esses textos, podemos dizer que são notas de pesquisa de Burke quando escreveu suas primeiras obras sobre a cultura popular na Idade Moderna (1978) e o Renascimento Italiano (1987). Burke catalogou uma série de viajantes ingleses que visitaram por diversos propósitos

¹Por “*travelogues*” quero dizer um relato periódico ou diário de viagem mantido por um viajante, em geral em um país estrangeiro, ou uma série de cartas descrevendo suas impressões. (BURKE, 2000, p.139).



a Itália entre 1590 e 1700. Com essa massiva documental mapeada e classificada em mãos, Burke (2000, p. 139) já aponta o primeiro perigo eminente, a tentação que todo pesquisador com essa documentação pode cair: “A tentação, tanto para os historiadores quanto para outros leitores é imaginar-se olhando através dos olhos dos escritores, ouvindo através de seus ouvidos e percebendo uma hoje remota cultura como realmente era”.

Acontece que esses escritos sobre as experiências de viagem não eram inocentes, havia uma literatura muito rica que influenciava esses viajantes em suas escolhas e escritos. Inclusive guias turísticos passaram a ser recorrentes nos séculos XVII e XVIII na Europa. Esses guias turísticos forneciam aos viajantes categorias a serem elencadas no seu roteiro, quais os lugares deveriam ser privilegiados em detrimentos de outros. No caso da pesquisa do historiador britânico, o autor foi constatando essas recorrências ao comparar os relatos levantados. As narrativas seguiam padrões e logo percebeu que por vezes alguns viajantes não estiveram realmente no lugar descrito, mas sim, haviam citado outra narrativa de viagem sobre o mesmo lugar.

Os relatos de viagens nas mãos do historiador podem ter um valor inestimável, a questão que se põe neste caso, é: o que se pretende extrair dessas fontes? Burke deixa claro ao leitor que esses viajantes ingleses não lhe servem para descrever a cultura na Itália nos séculos XVI-XVIII. Entretanto o esquecimento não é o melhor destino para essa literatura viagem. O historiador inglês mudou seu foco em relação a fonte, e mostrou como essas narrativas de viagens são fontes em potenciais para a história das mentalidades na medida que mostram impressões culturais, encontros de duas culturas, a do sujeito que viaja, que sai de sua cidade (o conhecido) e parte para uma cidade estrangeira (o desconhecido). Neste sentido estas narrativas: “São documentos preciosos de encontros culturais, revelando ao mesmo tempo a percepção de distância cultural e a tentativa de se chegar a um acordo ou “traduzi-la” em algo mais conhecido” (BURKE, 2000, p.143).

Neste caso, temos agora outro ponto que não pode ser refutado pelo historiador que deseja se aventurar sobre essas narrativas, é a relação de alteridade existente entre o sujeito que viaja e o local que está abrigando esse viajante. Essa relação de alteridade, a abertura ao outro, ou o mundo de ponta cabeças nas palavras de Burke está moldada nos primórdios de nossa civilização ocidental, pois ela se encontra desde a Grécia antiga.

Refiro-me aqui a obra de François Hartog (2003) que ilustra as *narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Hartog está falando de uma fronteira territorial e mais além, uma fronteira cultural entre o humano e mesmo o sobre-humano, deuses e semideuses, as



memórias de Ulisses. Para os gregos o outro está em categorias, os não-humanos (deuses), menos que humanos (animais e monstros mitológicos) e o que mais interessa, o outro “ordinário”, o estrangeiro.

É justamente a relação de alteridade grega que pode nos servir de inspiração, o outro estrangeiro no universo grego tem uma fundamental importância, pensando ainda, que é na medida em que se há uma abertura ao outro, que conhecemos a nós mesmos. Ou seja, é na relação de alteridade com o “desconhecido” que aprendemos sobre nós mesmos, nossa cultura e moral. Essa reflexão acerca da alteridade Hartog buscou nos estudos de Emmanuel Levinas, filósofo que ocupou muito de seu tempo na temática da alteridade².

A questão inicial é de como os gregos se viam? O grego que é dotado de uma *sophia* (sabedoria), uma racionalidade própria e na fronteira com o outro – o *bárbaro*, que balbucia, que não fala grego - enxerga a si mesmo, ou ainda, sua relação com os deuses, ou os animais. Em qualquer relação de alteridade o grego é o fio condutor, torna-se o mediador cultural. O impulso filosófico de decifrar o desconhecido, o “outro” é na verdade o impulso de saber de onde vem sua *sophia*, de dimensionar o universo grego.

Essas categorias não são, além disso, fixas: é preciso vê-las antes como referências de ordem geral (entre as quais há alguma circulação) e como operadores intelectuais, graças aos quais os gregos puderam, dizendo o outro, pensar a si mesmos: interrogar-se, afirmar-se, atribuir-se os bons papéis e os primeiros lugares – até duvidar de si mesmos, **mas sempre mantendo a posição de mestres do jogo**. (HARTOG, 2004, p. 17). [grifos nossos]

Neste ponto percebe-se que frente ao outro é que construímos nossa identidade, o exemplo de alteridade grega pode servir de inspiração em outros momentos históricos. Cabe lembrar aqui os inúmeros estudos a respeito da imigração europeia para o sul do Brasil no século XIX, que mostra como a identidade do colono alemão ou italiano, foi uma construção

²O livro que recebeu posteriormente o título *Da Existência ao Existente* começa a ser escrito ainda no cativeiro durante a Segunda Guerra. Neste trabalho, Lévinas põem em questão a fenomenologia de Heidegger. Não o faz por uma motivação abstrata, mas porque como prisioneiro de guerra experimenta na carne uma das dimensões da ontologia heideggeriana. Comenta Lévinas a François Poirié que ao voltarem dos campos de trabalho forçado, ele e seus companheiros, eram observados das janelas pelos alemães em silêncio como judeus, entes manipuláveis de um mundo fundado num projeto alemão geopolítico de assegurar o lebensraum, o espaço vital. Aqueles homens eram apenas mediação de um projeto, momento de uma totalidade; sob os olhares da janela ali não havia alteridade alguma. O outro era negado em sua alteridade e afirmado em sua diferença a partir do sentido que recebiam em função do projeto alemão. Desde aquela experiência da guerra, conclui Lévinas que o existente que dá sentido aos entes no mundo estaria numa impessoalidade, árida, neutra que somente poderia ser superada no ser-para-o-outro, como momento ético de respeito à Alteridade. (MANCE, Euclides André. 1994).



que se deu no contato com o novo lar de residência³. Assim, tornaram-se italianos, não na Itália em crise, mas fora dela, no estrangeiro, no desconhecido, tornaram-se italianos, assumiram uma identidade, um conhecer-a-si-mesmo.

Neste ponto, o sujeito que viaja está levando a si mesmo, a sua cultura, os seus costumes, a sua *sophia*. Esse universo de si mesmo será o mediador frente ao outro, só podemos comparar com o que conhecemos, comparamos o desconhecido com o conhecido, com o que nos é familiar. Neste sentido não é de se estranhar que viajantes franceses que estiveram no sul do Brasil no início do século XIX como Arsène Isabelle (1807-1888) e August Saint-Hilaire (1779-1853) fazem referência e comparações das paisagens observadas frente a seus olhos com uma paisagem que levam na memória, a de uma França deixada para trás. Por mais que soe estranho ao leitor de hoje ver comparações de uma Porto Alegre do século XIX com uma requintada Paris do mesmo século, esse era o universo conhecido desses dois viajantes, era a ponte de encontro que poderiam fazer.

Quem são esses aventureiros: a viagem, o viajante, suas impressões

O discurso do viajante a respeito dos locais visitados sempre foi fundamental para o conhecimento do outro e das outras regiões. Segundo Souza (1981, p.189) a viagem “representa uma possibilidade de ampliação da área de seus territórios físicos e imaginários”. É a partir do relato do outro que vai se estabelecer a relação com os outros lugares e pessoas das quais o desconhecido apenas torna-se tangível pela voz de outro. Por muito tempo, as leituras dos viajantes moldaram e inscreveram de contornos e cores as mais diversas pessoas e os inúmeros lugares percorridos.

As condições pelas quais ocorreu a iniciativa, a trajetória e a conclusão da viagem influenciaram diretamente nas leituras desses viajantes. Daí a importância de como, quando e de que maneira foi realizada a viagem. Analisar o porquê da viagem é fundamental ao pesquisador, independentemente, do eixo norteador da investigação. Desprezar os

³Cf. SAYAD, Abdelmalek **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Universidade, 1998.; WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas**. São Leopoldo: Oikos, 2008.; TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.; DREHER, M. N. . **Identidade e Relações Interétnicas: Pobres, Mendigos e Vagabundos**. In: Vania Beatriz Merlotti Herédia; Roberto Radünz. (Org.). **História e Imigração**. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v. 01, p. 71-92.; RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **Os museus de imigração como espaços da memória**. In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER, Alexandre (Orgs.). **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. 1. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. p. 99-112.



antecedentes que levaram ao trajeto é limitar a visão sobre quais os condicionantes podem ter influenciado o discurso do interlocutor.

É notável salientar que preocupar-se com quem viaja e o histórico de vida de quem intermídia nosso olhar sobre a viagem e o local viajado é fundamental. A preparação da viagem e o perfil de quem viajasão essenciais para saber o que poderá ser supervalorizado, omitido ou delimitado no discurso de quem resignifica o olhar do que vê. De acordo com ConsolFreixa (1993, p. 28) alguns eram “*viajeros profesionales*” entretanto, “*no todos ellos fueron viajantes propiamente dichos*”, isto é, muitos viajantes eram comerciantes, políticos, turista ocasionais, subalternos, nobres etc. Uma infinidade de profissões pertencentes a diversos estratos sociais que indubitavelmente influenciam nos olhares a serem dispostos no papel.

Passando o lócus de análise para nossos viajantes franceses que passaram por Porto Alegre, temos que salientar algumas características. A princípio, estes sujeitos estão carregados de uma leitura eurocêntrica a respeito do que eles vivenciaram no novo mundo. Não obstante, revelaram em suas narrativas suas visões de civilização, convivência, suas preferências, etc. Ambos estiveram em Porto Alegre de passagem, logo nas primeiras décadas do século XIX. Seus propósitos variaram um pouco, visto que eram sujeitos que desempenhavam várias atividades, desde interesses intelectuais ou políticos a interesses comerciais. No quadro abaixo podemos verificar a classificação de algumas semelhanças e diferenças encontradas a partir de seus relatos sobre Porto Alegre:

Quadro I: Semelhanças e diferenças entre os viajantes analisados



Semelhanças	Diferenças
Franceses	Comerciante, botânico
Períodos de viagens aproximados	Interesses de viagens
Naturalistas	Obras: cunho político; cunho científico
Olhares europeus	Permanências em lugares diferentes
Realizaram vários relatos	Vínculos com os locais
Contato com o Prata	Outras áreas do Brasil

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Dentre as semelhanças podemos destacar que ambos eram de origem francesa, tiveram seus olhares aproximados visto que o contexto de viagem era equivalente e, tinham uma formação botânica, ambos naturalistas. Deixaram marcados em seus relatos o gosto e o refinado olhar pelo que lhes era diferente, pela riqueza de um mundo novo perante seus olhares europeus. Tiveram a oportunidade de ter contato com o Prata e não hesitaram em traçar quadros comparativos entre as aproximações e distanciamentos que verificavam nas suas andanças pela região meridional da América do Sul.

Dentre as diferenças podemos citar que enquanto Saint-Hilaire que presencia Porto Alegre em 1820 era botânico e um viajante de exploração dos recursos vegetais e minerais do Novo Mundo. Isabelle que observa essa paisagem nos anos de 1833 e 1834 era comerciante e um viajante que deixou explícito esta marca em seus relatos e naquilo que julgava peculiar a destacar sobre o novo mundo. O primeiro marcado por um olhar científico, o segundo, permeado por uma visão política e econômica. Outra discordância dá-se nos percursos traçados e nas regiões visitadas.

É interessante perceber suas concepções sobre os homens, mulheres e famílias através das experiências sociais que vivenciaram em Porto Alegre. É importante salientar que ambos os viajantes deixam visões marcantes do seu mundo, sempre o marco de referência é a



França, seus costumes (ou aquilo que se queria representar com o dito “mundo civilizado”) em detrimento do estilo de vida luso-brasileiro. Para Saint-Hilaire (2002, p. 40):

Encontrei maneiras distintas em todas as pessoas da sociedade. As senhoras conversavam sem constrangimento com os homens, estes as cercavam de gentilezas, mas não demonstravam desvelo ou desejo de agradar, qualidade, aliás, **quase exclusiva dos franceses**. Desde que estou no Brasil ainda não tinha visto uma reunião semelhante. No interior, como já afirmei centenas de vezes, as mulheres se escondem; não passam de primeiras escravas da casa, e os homens não têm a mínima idéia (sic) dos prazeres que se podem usufruir com decência. Entre as senhoras que vi, hoje, em casa do Sr. Patrício, **havia algumas bonitas; a maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos negros; algumas graciosas, mas sem aquela vivacidade que caracteriza as francesas**. [grifos nossos].

Para Isabelle, os padrões da *Terra das Luzes* também se fazem presentes nos seus relatos, mas ele procura enfatizar as distinções do tipo de tratamento e do perfil das mulheres porto-alegrenses e das portenhas. O narrador deixou claro suas ideias do “novo homem”, aquele que imbuído do seu contexto histórico refuta qualquer resquícios das formas de viver medievalistas, que ao ponto de vista europeu iluminista era o recanto da “ignorância”, uma “Era das Trevas” que deveria ser ultrapassada, até mesmo na maneira de tratar; que ao seu ver no caso da América Portuguesa, ainda demoraria muito tempo para acontecer:

Não está distante o tempo em que as mulheres desta parte interessante do Brasil obterão a soma de **liberdades que gozam as montevidianas e buenaienses**; mas esta feliz época não chegou ainda e, esperando, elas sofrem o jugo de seus aborrecidos maridos, que se **poderiam chamar de tiranos domésticos, espécie de Argos vigilantes que, não contentes com mantê-las na mais vergonhosa ignorância, as confinam ainda, como escravas do Himeneu, numa peça do fundo de casa** (ISABELLE, 1983, p. 59). [grifos nossos].

Todavia não nos deixemos que o relato do viajante nos permita ter uma visão de que a mulher porto-alegrense está generalizadamente condenada à opressão masculina. A dita “vergonhosa ignorância” verificada pelo narrador não corresponde a realidade encontrada, por exemplo, nos registros paroquiais de casamento, pois a partir de 1822, estão presentes diversas assinaturas de testemunhas cuja assinatura é feminina. Isto significa que já para o período do relato, ou seja, a partir de 1834, existem muitas mulheres alfabetizadas. Podemos justapor com as impressões de Saint-Hilaire (2002, p.46), que fica surpreendido com as reuniões de mulheres para sarau e música: “*são frequentes as reuniões nas residências para saraus, e algumas senhoras tocam, com mestria o violão e o piano*”. Ainda, lembrando a passagem descrita anteriormente que: “*As senhoras conversavam sem constrangimento com*



os homens, estes as cercavam de gentilezas, mas não demonstravam desvelo ou desejo de agradar”.

Quanto as suas descrições sobre os homens, percebemos a perpetuação de alguns estereótipos, bem como, a presença destacada dos costumes rústicos dos nativos em detrimento daquilo que deveria ser as atitudes do “homem civilizado”. O estranhamento cultural de Saint-Hilaire (2002, p. 373) foi digno de suas notas. As registrou como um ato de insolência do comportamento do indígena frente a conduta de sua cultura.

Havia contado, como fato extraordinário que **um índio** me deixara, após quinze dias de convívio, **sem agradecer-me a recompensa que lhe dera e sem despedir-se de mim nem do pessoal**; pois eu estava longe de imaginar que teria de relatar um feito idêntico, porém muito mais forte, **com homens de minha raça**. [grifos nossos].

Quando se refere aos homens, o relato de nosso interlocutor francês Isabelle procura enfatizar a respeito da vestimenta, e a partir dela descrever a figura dos grandes proprietários, criadores e/ou tropeiros que encontra no território rio-grandense. A descrição privilegia um olhar sobre o homem do campo e de como o comportamento e postura desses homens se distinguem, até mesmo dos tipos encontrados na Banda Oriental. A vestimenta e os acessórios da vida no meio rural se confundem ao descrever o tipo de homem porto-alegrense. Isabelle passa a conferir um tom de exotismo que nos retrata muito a respeito de sua conduta rebuscada aos moldes franceses como se identifica em Saint-Hilaire, do que a intenção de descrever a utilidade de tais instrumentos.

Os homens não ostentam menos luxo: seus cavalos têm rabicho, sobre-chinchas (sic) e cabestros, bem como todo o resto dos arreios, cobertos de placas de prata; **levam ainda na mão, como os argentinos, um pequeno rebenque, com um cabo muito curto de prata maciça.** O cabo e a bainha de sua faca-punhal são também de prata. O traçar dos homens do campo é mais rico do que o dos Gaúchos argentinos e orientais; **consiste em grandes botas, uma larga calça de veludo azul, uma jaqueta de pano azul, chapéus alados e atados sob o queixo por um cordão terminado em duas borlas. Muitos levam no verão, jaquetas de chita da Índia de cor e os homens distintos trazem sobrecassaca (sic) de chita da Índia, espécie de ‘robe de chambre’.** (ISABELLE, 1983, p. 65) [grifos nossos].

No que tange aos hábitos familiares, não é admirável o fato de que o destaque destes interlocutores do Velho Mundo são aqueles costumes dos quais o mundo deixado para trás compartilha. Sendo assim, em suas narrativas comparam o clima, as plantas, os hábitos, as pessoas com aquilo que lhe é familiar, e por sua vez, a base de comparação para entender o



Novo Mundo. Tanto o universo cultural quanto o universo geográfico são mensuráveis pelo denominador comum de nossos viajantes. A graduação dos mundos civilizados ultrapassam as barreiras oceânicas, tendo em vista o processo tardio de formação de Porto Alegre, não é aleatória também, a comparação com o Rio de Janeiro.

Aqui observamos Saint-Hilaire comparando aspectos de uma realidade peculiar a América Portuguesa, tanto que não temos a referência tão nitidamente destacada ao âmbito europeu em suas descrições. Provavelmente, a disposição das “negras vendedoras” serem equivalentes as encontradas no espaço carioca nos colocam diante de um mundo ancorado numa perspectiva que amplia as barreiras no que tange o mundo “civilizado” e o “selvagem”: *“Como no Rio de Janeiro, as vendedoras são negras; algumas vendem acocoradas junto à mercadoria; outras possuem barracas, dispostas desordenadamente”* (2002, p. 46).

No caso do comerciante Isabelle, não é diferente, ao descrever novamente as mulheres em Porto Alegre. Isabelle ainda deixa transparecer sua bagagem intelectual e descontentamento frente a cultura presenciada em relação ao sexo oposto, sua narrativa ganha um tom de soberania cultural, assim como Saint-Hilaire, numa espécie de civilização *versus* barbárie:

O caráter desconfiado e excessivamente **ciumento dos brasileiros contribui para o isolamento ao qual suas mulheres parecem estar condenadas por algum tempo.** Conheci alegres, lindas, amáveis e..., diria, graciosas mulheres que não teriam pedido mais que passear amiúde, frequentar a sociedade, enfeitar-se e animar com sua presença as reuniões de homens, reuniões que achei muito tristes e frequentemente insípidas, para não dizer desagradáveis. **Oh, Voltaire! Oh, Legouvé! Oh, Madame de Estaël! Por que vossas eloquentes respostas às sátiras tão injustas, como mordazes, de Juvenal e Boileu não podem ser lidas por todos os brasileiros!** (ISABELLE, 1983, p.60) [grifos nossos]

Parece que nossos viajantes procuram legitimar a si mesmos (sua bagagem cultural) a partir da desconstrução do objeto observado. Carregado de certa erudição e um tom de arrogância Isabelle se coloca como leitor de Voltaire e o que havia de mais moralmente liberal frente ao suposto conservadorismo brasileiro herdado do Antigo Regime português. Para resolver essa questão, Hartog (2004, p. 18) não analisa a viagem em si mesma, à traduz como um operador discursivo, uma narrativa que constrói e desconstrói um problema, a narrativa com todo seu imaginário é a resolução da alteridade grega:

O olhar do turista grego, que não deixa de avaliar o outro com o esquadro do mesmo e sabe sempre, no fundo, o que se passa – ou, ao contrário, o “olhar distanciado” de quem, com o percurso e a diferença, põe à distancia o



mesmo, inclusive o pône em questão, esse olhar, enfim, que recorrendo ao diferente e à valorização do outro, traduz a dúvida do mesmo sobre o que ele é, o olhar enfim, que não cessou de percorrer de novo o passado e de apropriar-se dele sempre de novo, para certificar-se de si, “encontrando de novo” os sinais e traços de uma antiga identidade grega a ser recomposta e reativada.

Queremos salientar que o que há em comum nesses casos, é justamente a relação com o outro em que prevalece o mundo conhecido do viajante. É justamente a relação de alteridade em que *o mestre do jogo* é sempre o viajante que está chegando, observando o estrangeiro. É justamente nesta “sala de espelhos” da narrativa que o sujeito e o objeto são amalgamados no relato.

É por esse caminho que Burke (2000, p. 145) propõe analisar os distanciamentos culturais do espaço, do outro consigo mesmo. “As diferenças de religião, língua, clima e costumes proporcionam aos viajantes um agudo senso de distância cultural”. Pensando nesse sentido, o historiador pode trabalhar o estereótipo que se tem do lugar, e como o viajante se distanciaram ou se aproximaram de tal estereótipo que carregavam consigo, com suas observações pessoais. E quanto ao método de pesquisa, mais uma vez Burke (2010, p. 150) nos dá uma luz: “O método é justapor ou sobrepor diferentes imagens. O objeto do exercício é descrever não tanto a cidade como a impressão que provocou nos visitantes – a sensação de distancia cultural, a mistura de atração e repulsa”.

No caso de Hartog, a alteridade grega apresentada por ele, pode nos fazer pensar quem eram os viajantes que estavam observando, pois, na medida, que narram sobre o “outro” estão narrando sobre si mesmos. Neste sentido não tanto Saint-Hilaire ou Isabelle nos traduzem Porto Alegre no século XIX, mas sim o cenário Porto Alegre me traduz mais sobre Saint-Hilaire e Isabelle quando por lá passaram. Pensamos isso, na medida em que esses viajantes deixam escapar quem são: suas posições, seus interesses, seus costumes, seu lugar de origem na medida que descrevem o “outro”, no caso aqui Porto Alegre.

Assim procuramos entrelaçar essas duas leituras e trazer alguns possíveis caminhos que o historiador pode trilhar trabalhando com esse tão rico material que são os relatos de viagens. Como toda fonte histórica, esta têm suas peculiaridades e desafios, as quais exigem uma metodologia adequada. Assim nada melhor que as aulas de Marc Bloch, pois, cabe ao historiador a tarefa de interrogar o documento, desse modo, novas perguntas podem trazer novos horizontes aos relatos de viagens.



Considerações finais

De modo geral, a intenção destas reflexões é levantar algumas considerações que devem ser realmente verificadas pelos pesquisadores que trabalham com os relatos deixados por viajantes. Em primeiro lugar, não se trata de reduzir as análises restritas a uma espécie de “receita de bolo”, mas abordar a partir de um primeiro olhar, os cuidados de cunho teórico e metodológicos a respeito destas fontes.

Portanto, enquanto documentos devem ser examinados com cuidado pelos pesquisadores. Tomar o relato como representação comprobatória de um local ou período histórico seria tratar de forma equivocada e leviana estas narrativas. Pois, elas falam em seus silêncios, em seus superlativos, etc. Enfim, estão repletas de (re)significações que devem ser consideradas no momento de sua análise.

Resumidamente, objetivamos colocar em discussão a importância de relativizar as narrativas e colocá-las no campo dos discursos, portanto, passíveis de leituras datadas e caracterizadas pelas visões e experiências de vida de cada interlocutor que nos fala do “outro”. A proposta ilustrada pode ser entendida como um exercício metodológico. A ideia inicial é a de dar consciência que esse “outro” relatado pelos viajantes, muitas vezes é uma afirmação sumaria da identidade do próprio relator, ou imbricada pela idealização de uma época específica sobre esse “outro”.

Dessa forma, pretendemos apresentar aqui, possíveis leituras críticas da viagem e do viajante. Sobre a viagem, considerar: os roteiros, as circunstâncias, os desafios, facilidades, surpresas vivenciadas durante o percurso, bem como, o ambiente o qual se visita. Em relação ao viajante: quem, como, de que maneira e quais as motivações desta viagem e, sobretudo, o quanto ele fala de si ao narrar ao outro, pois segundo Hartog (2004, p. 224): “Viaja-se decerto para aprender, mas também, senão, sobretudo, para exibir marcar de seu próprio saber”.

Referências bibliográficas

BARRETO, Célia de Barros. **O Brasil monárquico, tomo II: o processo de emancipação.**(História geral da civilização brasileira; v. 1, t. 2) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro; civilização Brasileira, 2000.

CONSOL FREIXA, Lobera. Los viajeros. In: **Los ingleses y el arte de viajar.** Una visión de las ciudades españolas en el siglo XVIII. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1993.



FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil**: na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII. Antologia de textos. 1501-1808. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do Século XVII ao XIX). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2, p. 273-308. (História geral do Rio Grandedo Sul, 1).

HARTOG, François. **Memórias de Ulisses**: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. São Paulo: Abril, 2010.

MANCE, Euclides André. Emmanuel Lévinas e a Alteridade. In: **Revista Filosofia**, Curitiba, 7(8), p. 23-30, abr 1994. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/L%E9vinas.htm>>. Acesso: 25 jun. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.

SOUZA, Anlene Gomes de. O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e o imaginário da viagem. **Projeto História**, São Paulo, (13) jun. 1996.

Fontes bibliográficas

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 2002.

Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.